

Sarney

Penosa missão cumprida

CLUBO

21 DEZ 1989

DIFICILMENTE um homem público terá em nosso tempo recebido do Destino missão tão espinhosa quanto a que coube a José Sarney.

TUDO lhe foi adverso desde o primeiro instante. Não estava eleito para o cargo que lhe caiu nas mãos em seguida a uma tragédia — a decepcionante morte de Tancredo Neves antes mesmo da posse.

ESTRANHO no ninho do partido que lhe daria maioria no Congresso e portanto viabilidade política, teve que aceitar uma sucessão de ministros da Fazenda — o cargo-chave da administração pública — iniciada com uma herança de Tancredo e continuada com imposições do PMDB: Dilson Funaro, Bresser Pereira (cuja nomeação foi noticiada ao povo pelo próprio Presidente do partido hegemonicó, o Deputado Ulysses Guimarães, que acabara de vetar para o posto o Governador Tasso Jereissati), só lhe sobrando a vez da escolha pessoal quando não mais havia esperança razoável de desenredar-se a economia nacional do cípao inflacionário. Fracassando todos, um por um, nem por isso os execrou; pelo contrário, deixou que sobre si caíssem todas as invecícias, aceitando a culpa pelos erros e pela incompetência de auxiliares.

EMBORA algemado, nem por isso o Presidente Sarney deixou de empenhar-se na consecução daquilo que estava efetivamente sob seu arbítrio. O projeto político da Nova República foi executado sem titubeios, vírgula por vírgula, e com tal vigor que ainda hoje, quando se olha retrospectivamente, causa espanto que em tão pouco tempo se tenha saído de um regime francamente autoritário para a mais livre Democracia já experimentada pelos brasileiros.

LEILA candidato ao segundo turno da Presidência foi um reflexo da primeira audiência de Sarney, no alvorecer do seu Governo, aos líderes sindicais. Todos os partidos antes clandestinos se viram legitimados. Todas as intervenções sindicais revogadas. Todas as eleições previstas se realizaram em clima do mais absoluto respeito à soberania popular. Eleições praticamente em cada ano do Governo. Convocação da Constituinte. Liberdade e mais liberdade.

A ENFERMIDADE econômica de que o País padece, Sarney herdou-a do regime anterior e se assemelha à de todos os países que, estando em vias de desenvolvimento, se viram de súbito alcançados pelo maremoto da manipulação dos juros internacionais por parte das potências credoras, e que elevaram aos pinicaros o endividamento externo desses países. Nada tivemos de originais nisso. A Argentina, para citar apenas o nosso mais poderoso e achegado vizinho, passa por dificuldades semelhantes, e até mais graves, sem embargo de já se encontrar sob o segundo governo consecutivo eleito diretamente pelo povo.

E SARNEY nem sequer teve uma solidariedade sincera do grande partido que lhe dava um apoio ultracondicionado. Nas vésperas do Plano Cruzado que, mesmo malogrado, viria a propiciar a retumbante vitória do PMDB na formação da Constituinte, Sarney era apedrejado por líderes peemedebistas que dois ou três dias depois viriam a prostrar-se em bajulação que só cessaria depois de eleitos, quando voltaram a munir-se das pedras da ingratidão.

COM TUDO isso, não se viu no Presidente um gesto de ressentimento. Bondade é defeito? Num político pode ser. Sarney pode ter pecado, se dessa maneira for considerado, por ter renunciado ao exercício da truculência em qualquer circunstância, ou mesmo por haver aqui e ali faltado ao uso da energia que se devia dele esperar. Nele, a bondade nunca vacilou e entre seus íntimos corre que seu sonho seria passar à História com a marca dessa característica.

TALVEZ esteja nela uma parte da explicação para o fenômeno de estar-se a consumar todo o projeto democrático, que se completa com a eleição de Fernando Collor de Mello, ferrenho adversário do Presidente, num clima de paz, ainda que todos a penarem sob uma inflação brutal e a mal dormirem com a expectativa da hiperinflação.

QUER se antecipe a transmissão do seu cargo, quer carregue a cruz até 15 de março, em qualquer circunstância Sarney deixa um legado de paciência, modéstia e resignação que deve valer como exemplo para todos quantos, nos bons ou nos maus tempos, sejam chamados ao serviço do povo.